



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Albert Mathiez

Sabrina Areco

Como citar: ARECO, S. Albert Mathiez. *In:* PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. (org.). **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 145-164.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-881-1.p145-164>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ALBERT MATHIEZ

Sabrina Areco

As referências de Antonio Gramsci a Albert Mathiez - historiador francês dedicado à história da Revolução e fundador da *Société des études robespierristes* - podem parecer, à primeira vista, de pouco relevo se considerada sua recorrência. Nos *Quaderni*¹ ele foi citado apenas duas vezes, porém em parágrafos importantes: *Rapporti tra struttura e superstruttura* [Relações entre estrutura e superestrutura], § 38, Q. 4, depois reformulado no § 17, Q. 13, *Analisi delle situazioni: rapporti di forza* [Análise das situações: relações de força]. Nesses parágrafos Gramsci tratou dos nexos entre estrutura e superestrutura, ou melhor, entre o movimento histórico e os elementos sócio-econômicos e para tal recorreu à França revolucionária e à produção de Mathiez para demonstrar através de eventos concretos as orientações de *metodologia histórica* sobre as quais refletia².

¹ Utiliza-se neste artigo a edição crítica de Gerratana dos *Quaderni del carcere* e as referências ao texto indicam o número do caderno (Q.) e em seguida o parágrafo (§).

² De acordo com o aparato crítico elaborado por Gerratana, Gramsci tinha no cárcere os três volumes da obra de Albert Mathiez (*La Révolution française*). Ele já dispunha do volume I (*La chute de la Royauté*) e II (*La Gironde et la Montagne*), quando solicitou o volume III (*La Terreur*) de *La Révolution française* - todos em primeira edição de 1922 publicados pela Librairie Armad Colin (L. 147, p. 248; L. 190, p. 340). Outros célebres historiadores da Revolução Francesa, como Gaetano Salvemini (1873-1957) e Alphonse Aulard (1849-1928), foram também citados nos textos carcerários. Aphonse Aulard foi identificado como fonte principal a ser consultada (Q 1, § 47) e em confronto com os conservadores Hippolyte Taine (1828-1893) e Augustin Cochin (1876-1916) (Q 2, § 91). Tal confronto não foi possível, talvez pelo motivo de que nenhuma obra de Aulard, Taine ou Cochin estava no conjunto de livros acessíveis na prisão. Alguns textos de Gaetano Salvemini, por sua vez, constam no elenco disponível ao marxista - mas não seu *La rivoluzione francese* (1788-1792). O importante Jean Jaurès figura nos textos do cárcere como um homem da política em ato, com ênfase portanto em sua atuação no Partido Socialista, definida como de tipo carismática. (Q 2, § 75; Q 3, § 4; Q 10, § 41).

A escolha de Gramsci em utilizar a Revolução francesa como um “exemplo histórico concreto” não foi fortuita. A Revolução francesa, tema central da história da formação da Europa contemporânea, era fortemente presente nos debates políticos da primeira parte do século XX. O interesse pela temática havia ainda sido renovado e mesmo ampliado no contexto da Revolução Russa (KONDRANTIEVA, 1989; VOVELLE, 2000) e desde o trabalho de Karl Kautsky e de Jean Jaurès, pode-se falar também de uma *inspiração* marxista recorrente na produção historiográfica sobre a Revolução Francesa (LOUVRIER, 2007; VOVELLE, 1999)³.

A Revolução apareceu, nos parágrafos de Gramsci, como um exemplo através do qual se pode explorar toda a complexidade das relações entre estrutura e superestrutura: um evento de longa duração, que comportou mudanças de ordem econômica e social profundas - como a corrosão do Antigo Regime, reagrupamentos sociais em torno de arranjos novos de produção - com lutas políticas-ideológicas, organizações de interesses corporativos e conflitos estatais. Analisando na história o lugar ocupado pela economia e pela crise no processo revolucionário, Gramsci sugere a necessidade de se “excluir qualquer resposta taxativa nesse sentido”, sendo mais fecundo considerá-la um aspecto parcial da questão, envolvida em toda uma dinâmica de relações de forças. Assim como Mathiez, que se “opôs à história vulgar tradicional” mostrando que “[...] em 1789 a situação econômica era boa, pelo qual não se pode dizer que a ruptura do equilíbrio existente ocorreu em razão de uma crise de empobrecimento” (Q. 4, § 38). O historiador francês apareceu, portanto, vinculado a um tema de central importância na reflexão gramsciana.

Uma aproximação ainda mais substantiva entre Gramsci e Mathiez pode ser apontada se considerada a influência do francês na análise do jacobinismo, demonstrada entre outros por Medici (2000) e Gervasoni (1998). Nos *Quaderni*, jacobinos e jacobinismo são termos que contêm diferentes dimensões: uma dimensão seria aquela mais propriamente histórica (os jacobinos franceses do século XVIII e seus herdeiros políticos tanto franceses como italianos) e outra a dimensão teórica-política. No

³ *Histoire socialiste de la Révolution française*, de Jean Jaurès, começou a ser publicado em 1900. O trabalho de Karl Kautsky foi traduzido para o francês em 1901 com o título *La lutte des classe em France en 1789*. Sobre a leitura de Karl Kautsky e da social-democracia alemã, que remonta às comemorações do centenário da Revolução Francesa, ver Ducange (2012, p. 43-64).

processo de formulação do conceito, Gramsci operou uma verdadeira escavação histórica, procurando distinguir o sentido *deteriore* que eles ganharam no decorrer do século XVIII-XIX e que os identificava como abstratos; daquele sentido vinculado à experiência original, que deveria ser entendida como uma “[...] ‘encarnação’ categórica do Príncipe de Maquiavel. O moderno Príncipe deve ter uma parte dedicada ao jacobinismo como exemplo de como se forma uma concreta e operante vontade coletiva” (Q 8, § 21).

A produção de Mathiez explorou o programa econômico-social dos jacobinos, mostrando como ele foi operado no decorrer do processo revolucionário – e também como, segundo Mathiez, foi depois derrotado com a queda de Robespierre. O francês demonstrou a unidade entre a direção revolucionária e as massas populares do campo e da cidade; isto é, a construção de uma unidade em torno de um programa, o que foi entendido por Gramsci como a construção de uma vontade nacional-popular. Ainda que não se possa falar de uma convergência integral entre Gramsci e Mathiez, é sob esses fundamentos que o italiano irá abordar os jacobinos franceses e formular o seu conceito teórico-político de jacobinismo.

Mas tal contorno na forma de abordagem do fenômeno histórico remonta ao período anterior à prisão, assim como as referências de Gramsci a Mathiez. O que se pretende neste artigo é analisar a aproximação inicial de Gramsci com o historiador, que ocorreu nos anos finais da Guerra e em meio aos debates sobre a Revolução Russa, explorando assim a gênese de uma reflexão que irá depois alcançar maturidade nos *Quaderni*.

Entender a relação Gramsci e Mathiez implica em reconstruir as interações entre ambientes intelectuais e políticos diversos, bem como entre diferentes realidades nacionais (Itália e França)⁴. A produção acadêmica francesa circulava na Península, onde Albert Mathiez era conhecido entre os intelectuais desde meados da década de 1910. Ele teve trabalhos publicados e resenhas de seus livros feitas em revistas como a *Nuova Revista Storica*, publicação fundada por Corrado Barbagallo, e na *Rivista delle Nazioni* (RAO, 2008, p. 277).

⁴ Essa abordagem inspira-se na proposta de construção de uma história cruzada ou comparada, seguindo as sugestões de Wolikow (2010) que convida à reconstrução da história do comunismo considerando as transferências, as circulações, os empréstimos e portanto seus cruzamentos ou intersecções, privilegiando os intercâmbios em lugar de uma exposição de divergências ou identidades entre os comunistas europeus.

Mathiez, sob inspiração de Jaurès, realizava então uma análise que conjugava atenção às fontes e técnicas de pesquisa com erudição e uma abordagem das esferas econômicas e sociais, se tornando um nome central da historiografia jacobina⁵, uma *nova tradição* depois continuada por nomes como Georges Lefebvre e Albert Souboul. Desde 1918 Gramsci passou a citar Mathiez e embora não tenha assumido a postura filo-jacobinista que caracterizava o historiador francês, foi neste momento que uma abordagem mais matizada e mesmo historicizada desse grupo político começou a se expressar na reflexão gramsciana. Iniciou-se assim em Gramsci um processo de adensamento da leitura dos jacobinos que colocava em questão sua recusa integral inicial influenciada entre outros por Sorel e pela forte presença do anti-jacobinismo no ambiente intelectual italiano.

I

O jacobinismo era importante no léxico gramsciano mesmo antes desse adensamento ao qual nos referimos aqui. Expressão recorrente no vocabulário político italiano, era mobilizado para a reflexão sobre a política contemporânea do jovem Gramsci. Ele foi utilizado com escassa recorrência, maior a partir de 1917 e depois da Revolução de Fevereiro, como uma expressão negativa e de forma a-histórica. O jacobinismo era então o contrário de seu projeto socialista: sua única qualidade seria a de mostrar o que os socialistas não devem ser (GRAMSCI, 1960, p. 206).

Em 1917, indicando o transformismo como um fenômeno tipicamente moderno e próprio também dos pseudo-socialistas, Gramsci procurou demonstrar como o mesmo relacionava-se com uma perspectiva empírica e contingente do mundo social que impedia a apreensão de que a “[...] ideia sempre supera o fato simples já que por meio da ideia criam-se

⁵ Esse termo, *historiografia jacobina*, designaria tanto o conjunto de trabalhos que tem como objeto os jacobinos (seus clubes, a atuação na Convenção e o Terror jacobino, etc...), como também refere-se a uma posição positiva dos historiadores diante dos mesmos. No começo do século XX, a historiografia jacobina era então uma escola na qual convergia uma corrente “positivista, erudita e republicana”, que sob a inspiração de Marx entendiam “revolução burguesa” como advento do capitalismo (LOUVRIER, 2007). Mais tarde, François Furet e Denis Richet criticaram o que chamaram de leitura “marxizante”. Souboul, ele mesmo inserido nesta escola, respondendo à crítica definiu os historiadores jacobinos como aqueles que, além de atentos ao rigor acadêmico, tinham como norte a compreensão e defesa dos interesses populares (sobre essa polêmica, ver LOUVRIER, 2007).

outros fatos superiores” (GRAMSCI, 1960, p. 194)⁶. Esse idealismo tinha um fundamento historicista: transcender os fatos significava entender sua provisoriidade, ligando-se a uma visão mais ampla e complexa. Pensar desta forma, atendo-se ao sentido vivo da história, era o oposto de ser jacobino (GRAMSCI, 2004, p. 174). O termo é aproximado, portanto, do transformismo e utilizado nos debates internos ao PSI e contra o grupo que oferecia sustentação parlamentar ao Governo Giolitti⁷.

Em outra crítica enfática (de 22 de outubro de 1917) - no artigo *La scimmia giacobina*⁸ - a limitação da perspectiva jacobina foi reiterada: como os símios, eles são puro automatismo, repetem gestos, não tem conteúdo e a história é por estes apreendida de forma esquemática. São herdeiros da velha Itália liberal, das lojas maçônicas e grupos conspiratórios e que no século XX eram os membros da pequena burguesia italiana, livresca e particularista. Gramsci afirma que tal esquema histórico remete à imagem romântica da revolução construída na literatura e em nomes como Jules Michelet (1798-1874) e não aquela que havia “[...] transformado profundamente a França e o mundo, que se estabeleceu no meio da multidão e que abalou e trouxe à luz as camadas profundas da humanidade submersa” (GRAMSCI, 1960, p. 205).

Sendo o particularismo dos interesses a característica da própria classe, o jacobinismo poderia ser atendido como uma forma burguesa de se fazer a política em geral e não apenas revoluções. O jacobinismo e o Terror são, assim, fenômenos burgueses permanentes, que dependendo do momento histórico são mais ou menos intensos (GRAMSCI, 2004, p. 188); e de minoria e sempre potencialmente minoritário (GRAMSCI, 2004, p. 137). Em tudo, portanto, a utilização do termo para a análise

⁶ *Il Bozzacchione*, “*Il Grido del Popolo*”, 04 de junho de 1917.

⁷ A cisão entre os grupos colaboracionistas ou reformistas com os intransigentes ou maximalistas (de Gramsci) foi aprofundada depois da Batalha de Caporetto (09 de novembro de 1917). Nos escritos do *Il Grido*, Gramsci identificava os primeiros como empiricista no campo da política, que viam apenas o fato isolado. Essa era uma forma de responder à crítica feita pelos colaboracionistas de que a proposta dos maximalistas era abstrata: mostrando a superioridade da formulação por assim dizer abstrata, isto é, vinculada a um programa máximo que deveria ser buscado e cuja viabilidade não poderia ser demonstrada de outra forma senão através da própria síntese histórica (GRAMSCI, 2004, p. 174). Uma ênfase na prática política, que reverbera sua própria análise de Marx operada nestes anos: como um *historicista concreto*, para quem a história tem substância na “ética, na atividade prática, nos sistemas e nas relações de produção e troca. A história como acontecimento é pura atividade prática” (GRAMSCI, 2004, p. 162).

⁸ “*Il Grido del Popolo*”, 22 de outubro de 1917.

da política contemporânea remetia à identificação de seu caráter burguês e, por consequência, à sua refutação. Suas instituições, como o livre pensamento e a democracia parlamentar eram formas políticas e culturais necessariamente particularistas, incapazes de uma realização integral na sociedade capitalista uma vez sua efetividade é “[...] condicionada pelo modo de produção da riqueza e da concretude do pensamento da humanidade” (GRAMSCI, 1972, p. 836)⁹.

A forma de luta ou estratégia política jacobina era assim totalmente coerente com seu conteúdo de classe. Em realidade, conteúdo e forma de luta formam uma unidade. Uma revolução proletária teria tanto conteúdo como forma diametralmente diferentes da experiência francesa do século XVIII. Ainda em julho de 1917 ele apontou que os bolcheviques foram capazes animar a massa e organizar novas forças sociais de modo que a Revolução se expandia e seguia adiante, e isso foi possível porque evitou o jacobinismo, uma direção fechada e restritiva (GRAMSCI, 2004, p. 100)¹⁰. Embora tivessem uma direção também minoritária, o partido bolchevique pretendia se tornar maioria absoluta. Dessa forma, Gramsci justifica a dissolução da Assembleia Constituinte russa, em 06 de janeiro de 1918 (tratada pelos críticos como o Termidor russo¹¹) como um evento de liberdade apesar da aparência superficial de violência. A Assembleia eleita sustentava-se em uma relação de forças desenhada no contexto pré-revolucionário. Esse contexto modificou-se e havia sido oferecida uma forma original de representação direita, que eram os soviets (GRAMSCI, 2004, p. 138).

Ao identificar o jacobinismo como método e com os objetivos da burguesia, é possível indicar que Gramsci não os entedia como arbitrários ou abstratos, posição que ganhará espaço na produção carcerária e que o colocava contra a argumentação bastante vigente no ambiente intelectual e político italiano¹². Ele afirmava que as análises burguesas erravam ao

⁹ *Repubblica e proletariato in Francia*, “Grido del Popolo”, 20 de abril de 1918.

¹⁰ *Notas sobre a Revolução Russa*, “Il Grido del Popolo”, 29 de abril de 1917.

¹¹ Foi considerado o 9 *Termidor* russo pela ala menchevique internacionalista. Em artigo de março de 1918, J. Martov (dirigente da ala) apontou que o fechamento vinculava-se a uma série de acontecimentos que se contrapunham às conquistas democráticas da Revolução.

¹² Ao contrário, Gramsci dá indícios de que o Iluminismo deveria ser tomado como uma concepção filosófica bastante concreta. Tratando do universalismo iluminista, que como apontamos era para ele o correspondente filosófico da política jacobina, afirmou que tal universalismo se torna concreto e individualizado através das

criticá-los: “sem aquela violência, sem aquelas monstruosas injustiças”, as formas antigas não teriam sido superadas (GRAMSCI, 2004, p. 149)¹³. Elas foram uma necessidade histórica, fundamentais para a superação do Antigo Regime e duplamente violentos: ao derrubar o velho e ao construir a República jacobina. O revolucionário socialista deveria ser, no entanto, de um tipo novo. A Revolução Russa, que iria para além da emancipação francesa, não podia repeti-la. Mas tal tentativa esbarrava na seguinte dificuldade: como refutar ideologicamente os radicais do Ano II, se não se conseguia superar o mito daqueles revolucionários?

No ambiente russo, desde os acontecimentos de 1905, as analogias com a França do século XVIII eram recorrentes. Para Lênin, embora na tradição marxista a Revolução Francesa não fosse considerada mais atual, na Rússia ela deveria ser tratada de forma diferente: ali, tanto se verificava a presença de uma autocracia “asiática” e a miséria no campo; como também as insurreições de 1905 e a participação do campesinato eram similares ao período pré-revolucionário francês. Por outro lado, a Revolução Russa teria chance de ser mais ampla devido à existência da crise agrária, que com a participação do campesinato e da pequena burguesia permitiriam que o proletariado instaurasse uma ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato que teria como protótipo a Convenção, entendida por ele como uma ditadura das classes baixas.

Em 1917, depois de *Que fazer?*, estava já demarcada a particularidade dos bolcheviques em relação aos jacobinos no que tange aos objetivos (proletários e não burgueses). Ainda assim, Lênin recorreu aos radicais do Ano II para apontar que, como no século XVIII, a Rússia viu a classe mais avançada (o proletariado) se dividir em duas, como outrora ocorreu com a burguesia e a oposição entre girondinos e mencheviques. Da analogia passa-se, mais tarde, à identificação dos bolcheviques com os jacobinos (KONDRATIEVA, 1989, p. 69). Essa exposição sintética

experiências de homens também concretos e que se dão em espaços reais. Os nacionalistas, afirma Gramsci, que pretenderam se contrapor à ideia do universalismo iluminista acabam formulando uma compreensão do nacional puramente sensualista e que, por isso, “[...] não significa nada, nada de humano e portanto nada que tenha qualidade” (GRAMSCI, 1982, p. 701). Dessa forma, o universalismo poderia ser considerado mais concreto e superior ao nacionalismo, que embora seja uma forma “atrasada, é verdade, [...] ela consente a transição a uma forma mais alta de doutrina” (GRAMSCI, 1982, p. 701). *Maurizio Barrès e il nazionalismo sensuale*. “Il Grido del Popolo”, 02 de março de 1918. Existe aqui, portanto, uma crítica ao empirismo e às implicações políticas de uma apreensão do real centrada exclusivamente nos dados mais imediatos aos sentidos.

¹³ *Wilson e os maximalistas russos*, “Il Grido del Popolo”, 02 de março de 1918.

do jacobinismo no terreno cultural e político russo nos permite apontar as diferenças de Gramsci nesta fase. Enquanto os bolcheviques recorriam à analogia com os revolucionários franceses, Gramsci recusa qualquer afirmação nesse sentido justamente por recusar a ideia de partido como vanguarda ou direção revolucionária. Como aponta Del Roio (2005, p. 38), existe nesta recusa uma influência importante de Sorel, que apontava o jacobinismo como uma política que se pautava na separação entre dirigentes e dirigidos. À política de direção das massas Sorel contrapunha a necessidade de auto-organização e autoeducação do proletariado. Essa matriz soreliana do antijacobinismo do jovem Gramsci é mais evidente na medida em que as greves e a organização dos conselhos de fábricas durante o biênio vermelho (1919-1920) estimularam uma análise do trabalho fabril como uma esfera cindida do mundo do capital, que seria pouco mais tarde matizada em razão de uma mudança na reflexão sobre partido e estratégia revolucionária. Mudança essa vinculada, assim, com o próprio desfecho traumático do biênio. Assim, apenas depois (1921), Gramsci aceitará a analogia bolcheviques-jacobinos, o que ocorre juntamente com o processo de construção do PCd'I e com maior aproximação com o marxismo. Portanto, a crítica do jacobinismo é fundamental na trajetória da formulação inicial gramsciana de partido e, de forma correlata, à elaboração de uma teoria socialista do político (GERVASONI, 1998, p. 62) que pudesse coincidir a ampliação da liberdade com um projeto de mudança radical conduzido não por meio da coerção e sim do consenso.

Essa reavaliação coincide também com a experiência da violência. No fim da I Guerra havia se difundido uma cultura bélica não apenas entre militares mas também entre civis, acompanhada da ampliação de ações autoritárias de diferentes governos nacionais, como restrição das liberdades individuais, concomitantes a um processo de reorganização econômica de tipo modernizador e de enfrentamento das associações de trabalhadores. No caso particular da Itália de Gramsci, os socialistas percebem que tinha se superado a fase de mediação de Giolitti. Mais do que isso: “[...] o antisocialismo - recusado agora como anti-bolchevismo - tinha se tornado então uma obsessão ideológica.” (D’ORSI, 2011, p. 161). O nacionalismo no período pós-guerra, fortemente marcado por essa cultura bélica, expressou-se em ações violentas contra os socialistas,

como o ataque e incêndio da sede do periódico *Avanti!* em Milão. E, por isso, em Gramsci “[...] os tons libertários, antiautoritários e por assim dizer consensualistas dos anos precedentes dão lugar a uma avaliação que poderia ser identificada como mais realista.” (GERVASONI, 1998, p. 70).

II

A I Guerra marcou efetivamente a geração de intelectuais a qual pertencem Gramsci e Mathiez. A produção do historiador francês passou, naqueles anos, tanto pelo aprofundamento de uma abordagem social e econômica - que culminou na superação da história política ou parlamentar -, como sofreu também uma mudança de objeto relacionada ao seu interesse pelas questões colocadas pelo conflito. Problemas que Mathiez não reputava totalmente inéditos, mas que atualizariam aqueles originalmente vivenciados na Revolução Francesa.

Enquanto seus primeiros trabalhos anteriores a 1914 tratavam da religiosidade laica na Revolução¹⁴, com o início dos conflitos ele passou a se dedicar às guerras revolucionárias de 1793-1794, às manobras políticas parlamentares e tensões econômicas daquele período. Tratando em paralelo passado e presente, o que não significava uma obliteração das diferenças entre os dois momentos históricos, Mathiez pretendia que a história servisse como estímulo à ação e “reforço ao entusiasmo”, ou mesmo como lição. Nas guerras revolucionárias, segundo Mathiez, o patriotismo era idêntico ao republicanismo, o exército subordinado à opinião pública e seus membros oriundos do povo, de modo que havia uma identidade entre os interesses do Estado e do próprio corpo militar, assim como entre a Assembleia e o

¹⁴ Mathiez deu contribuições importantes para essa temática em *La Théophilanthropie et le culte décadaire, 1796-1801* e *Les Origines des cultes révolutionnaires (1789-1792)*, ambos redigidos para sua obtenção de tese em 1904. No segundo, *Les Origines...*, defendeu que os cultos laicos poderiam ser tratados através do conceito de religião e religiosidade de Durkheim. Mathiez concordava, então, que a religião deveria ser entendida como um fenômeno social, definida não em razão do objeto ou conteúdo (noção de divindade) e sim por sua forma, quer dizer, o fenômeno religioso caracterizaria-se pela existência de conjunto de crenças compartilhadas por um determinado grupo, que exigem de seus membros a realização de culto ou ritual. Nesse sentido, as cerimônias patrióticas como a celebração de 14 de julho para Mathiez poderiam ser entendidas como um culto (FRIGUGLIETTI, 1974, p. 56). Ele foi criticado por ter expandido demasiadamente o conceito durkheimiano, ao qual não retomou em seus trabalhos posteriores. Esse percurso do historiador ilustra bem a aproximação da história com as ciências sociais naqueles anos e, mais particularmente, o interesse do autor em uma renovação teórica-analítica que irá depois encontrar outras referências.

povo¹⁵. O êxito de Carnot na batalha de Marne demonstraria a eficácia da tática ofensiva e o papel da “vontade, decisão e caráter” na ação militar¹⁶ (MATHIEZ, 1916).

Concomitante a essa atenção à história militar, ele passava também a assumir a interpretação feita por Jean Jaurès. Fundador do *L'Humanité* e importante líder socialista, Jaurès tinha como fio condutor a compreensão da Revolução como triunfo da burguesia contra a nobreza e proletariado emergente, leitura que demarcou uma ruptura fundamental no campo historiográfico. Mathiez aprofundou essa leitura ao delinear com maior nitidez as disputas políticas na Convenção e ao procurar tecer as relações desses grupos com as massas populares. No período de 1914-1918, ele demonstrou como a guerra colocou em situação problemática os consumidores urbanos, especialmente os artesãos, e também os trabalhadores rurais. Esses grupos teriam então demandado ações para contenção de preços através de dispositivos como requisição e controle. Mas essa demanda era contraditória à política liberal que pretendia a ruptura nos controles de mercado exercidos pelo Antigo Regime. Os jacobinos - contra a monarquia e contra os girondinos - exerceram o controle de preços para assegurar o consenso popular. Assim, com o agravamento da crise econômica, derrotas militares e agitação das massas em setembro de 1793 foi instituída a lei do máximo (*general maximum*), ao que se segue o Terror (FRIGUGLIETTI, 1972).

Esse breve triunfo dos jacobinos e de Robespierre, atribuídos à formação do Comitê Salvação Pública e à derrota dos *Enragé*, dos hebertistas extremistas de esquerda e os moderados dantonistas de direita, foi logo superado pela “combinação dos inimigos que temiam uma verdadeira revolução social”. O 9 thermidor, que marca a queda de Robespierre, foi a vitória da burguesia beneficiada com a nova ascensão inflacionária e com a liquidação de suas dívidas. E as classes populares suportaram as pesadas consequências da inflação monetária, fazendo delas economicamente frágeis e politicamente impotentes por um século adiante (cf. MATHIEZ, 1927; FRIGUGLIETTI, 1974, p. 577-578).

¹⁵ *Si nous étions sous la Convention...* (Le Rappel- 04/02/1916); *L'esprit de l'armée de l'an II* (Le Rappel - 22/09/1915). Os artigos da Mathiez no *Le Rappel* foram consultados no portal *Gallica, Bibliothèque numérique de la BnF (Bibliothèque nationale de France)*.

¹⁶ *La tactique de Carnot* (Le Rappel -13/09/1915).

Em Mathiez, os jacobinos seriam assim a parte avançada da Revolução que elaborou uma política compatível com os interesses dos *sans-culottes* e, dessa forma, figuraram como portadores de certo republicanismo popular, ainda não realizado na França que lhe era contemporânea. A não-efetivação daqueles ideais é o que fundamentaria o recurso discursivo e analítico que lê o passado um conjunto de “promessas” a se realizar no presente. Então, se para Marx o “jacobinismo foi a forma plebeia de levar a Revolução até o fim”, para Mathiez ela não tinha ainda terminado.

III

Mathiez estava também vinculado a um processo de renovação da historiografia italiana em curso, que pretendia superar a hegemonia da historiografia croceana e o neo-idealismo de matriz alemã na Itália. Ocorria uma difusão na Península dos estudos de Aulard e Mathiez, considerados ali como “figuras exemplares de uma nova historiografia que poderia superar a tradição alemã e forjar na Itália uma ideologia democrática, alternativa ao liberalismo” (DE FRANCESCO, 2003, p. 114). A difusão estava relacionada ainda à retomada de interesse pela cultura francesa e pelas origens comuns dos países latinos, o que pode ser ilustrado com a fundação da *Rivista delle Nazioni latine* (1916) por Guglielmo Ferrero e Julien Luchaire (DE FRANCESCO, 2003, p. 113)¹⁷.

Um papel fundamental na renovação da historiografia italiana foi exercido por Corrado Barbagallo. Fundador da *Nuova rivista storica*, ele pretendia superar um certo provincialismo da cultura italiana, irrigando-a com outras fontes para além daquelas alemãs e que permitiriam uma abordagem social e econômica como contraponto à concepção idealista. Inspirado em Henri Berr e sua *Reveu de synthèse historique*, a revista de Barbagallo comportava diferentes perspectivas (bergsonismo, irracionalismo e mesmo idealismo) com certo aceno nacionalista no momento da sublevação deste¹⁸, enquanto Barbagallo se afirmava como

¹⁷ A *Rivista delle Nazioni latine* publicou os trabalhos de Mathiez: *La Rivoluzione e gli Stranieri*, em 1916, e *Danton et la paix*, em 1918. A *Rivista storica italiana*, publicou em 1912 seu *Rome et le Clergé français* (DE FRANCESCO, 2003, p. 113).

¹⁸ Como, por exemplo, na leitura do *Risorgimento* feita por Volpe. Este renunciou à direção da revista em 1916.

materialista histórico¹⁹ e “[...] promotor mais tenaz e combativo da renovação da historiografia italiana nas primeiras décadas do século XX depois de Croce” e teria mesmo obtido maior reconhecimento que Croce na França daqueles anos (RAO, 2008, p. 277).

A aproximação de Barbagallo e Mathiez e a presença do último na *Nuova Rivista Storica* sinaliza a difusão de Mathiez no ambiente intelectual italiano e também a circulação de ideias entre os dois países latinos²⁰. Embora seus trabalhos tenham sido resenhados anteriormente²¹, através de Barbagallo a historiografia jacobina de Mathiez alçou maior repercussão na Itália, onde ele introduzido como um partidário de Robespierre (RAO, 2008, p. 276).

Não tendo jamais se definido como marxista, Mathiez até mesmo lamentou a repercussão do que chamou de “socialismo de origem germânica” na França em detrimento do socialismo francês²². Isso não impediu que, mais tarde, ele apoiasse os bolcheviques e participasse da adesão da SFIO à Internacional Comunista em 1920. Nesses anos, suas publicações na *L'Humanité* (que se tornou órgão de imprensa dos comunistas) foram recorrentes. Em 1917, Mathiez havia já escrito *Bolcheviques e Jacobinos (1917)*²³, traduzido por Gramsci e publicado de forma fracionada em *L'Ordine Nuovo* em 1921.

As trajetórias de Gramsci e Mathiez têm, portanto, dois “campos” convergentes ou de contato: um, a imprensa socialista, campo mais

¹⁹ Nos *Quaderni* Gramsci foi crítico de Barbagallo: ele seria um “[...] típico representante do “materialismo-histórico” italiano”, influenciado pelo lorianismo (cf. por exemplo, Q. 4, § 60).

²⁰ A proximidade entre Barbagallo e Mathiez, que era não apenas intelectual mas também de amizade, é contatada pelo italiano em uma publicação de homenagem póstuma publicada nos AHRF (*Annales historiques de la Révolution française*) em 1932. A *Annales* foi fundada por Mathiez em 1908, chamada então de *Annales révolutionnaires* quando em 1923 recebeu a denominação de *Annales historiques de la Révolution française*.

²¹ Em 1916-1918, nas *Rivista storica italiana* e *Rivista delle nazioni latine*.

²² Nos debates públicos e em suas diversas publicações na imprensa nos anos de guerra, ele passou de uma posição pacifista anterior à defesa patriótica e antigermânica, contrapondo a França republicana e civilizada contra a barbárie, militarismo e despotismo do Império Alemão. Assim, como grande parte dos socialistas, aderiu à *Union Sacrée*. É importante frisar que o antigermanismo também era um elemento que estimulava o historiador francês a defender a Revolução Russa. Depois do Tratado de Brest-Litovski (março de 1918), ele interrompeu as alusões à Revolução Russa, retomadas em 1920 com a defesa de Lênin (FRIGUGLIETTI, 1972, p. 574).

²³ Além do citado *Le Bolchevisme et le Jacobinisme*, Mathiez defendeu o bolchevismo em seus artigos *Le Bolchevisme est-il antidemocratique?* (*Le Progres civique*, 11 de setembro de 1920 e 18 de setembro de 1920) e *Lénine et Robespierre* (*Flordal*, 12 de junho de 1920). Também contribuiu escrevendo vários textos para os jornais *L'Humanité*, *L'Internationale* e *Le Populaire de Bourgogne* de Dijon entre os anos de 1920 e 1921.

eminentemente político; e o outro, formado pelas revistas acadêmicas ou de cultura. Gramsci interessa-se pelo debate das revistas de história, inserindo-o nas suas reflexões publicadas na imprensa. E, assim, em 1918 Gramsci citou Mathiez pela primeira vez em *A fortuna de Robespierre*, no qual tratou da trajetória da figura do líder jacobino. Este texto insere-se em um debate interessante, inclusive no campo metodológico: como se estudar o rastro histórico do homem revolucionário? O que Gramsci observou foi que de forma recorrente a ênfase recai sobre seus caprichos e vontade: mais do que sobre o que efetivamente aquele homem realizou, os estudos se prendem à arbitrariedade de um indivíduo singular. O que o italiano considerava é que o rastro de um revolucionário deveria ser construído a partir aquilo que ele efetivamente contribuiu, ou seja, o produto das forças sociais em luta por ele mobilizados e assim sua importância se demonstraria historicamente. Em diferentes situações históricas e políticas, esse rastro poderia ser interpretado de maneiras diferentes.

Citando amplamente um texto do historiador Eugenio Giovannetti²⁴, ele relativizou então a forma mitológica com que Robespierre era abordado pela historiografia. Gramsci delineou ali o que poderia ser chamada de uma *história da recepção* de Robespierre. O primeiro ponto seria reconhecer então que os estudos da Revolução Francesa dividem-se em dois *partidos*: dantonistas e robespierristas. A alusão é feita diretamente ao debate de Mathiez e Aulard (defensor de Danton), que desenhavam um perfil e uma interpretação dos acontecimentos integralmente favorável ao seu herói e fortemente difamador do antagonista. O retrato de Danton como corrupto, naquele início do século XX, havia se tornado consensual enquanto Robespierre era entendido como o herói. No entanto, como lembra Gramsci, a positividade atribuída a Robespierre era instável e sofreu mudanças no decorrer da história. Na geração até 1880, os estudos apologeticos de Ernesto Hamel e de Luis Blanc desenhavam um Robespierre como o “Messias da nova era” (GRAMSCI, 1982, p. 703-704). Mas sua figura foi sofrendo sucessivos golpes: com o II Império, se incitou um anticlericalismo entre os historiadores e a ideia de Ser Supremo o desfavorecia; o positivismo sugeriu uma nova depreciação de Robespierre, com Comte vendo em Danton um político positivista

²⁴ Publicado no “Il Resto del Carlino”, de 23 de fevereiro de 1918.

adequado à modernidade e herdeiro de Diderot. Se existia um juízo positivo de Robespierre e se esse correspondia, mais do que Danton, “ao espírito do nosso tempo” (GRAMSCI, 1982, p. 705), a responsabilidade era de Jaurès.

Essa formulação pode ser inserida como um capítulo na reabilitação do jacobinismo em Gramsci: a historiografia permitia um amadurecimento da temática, que perpassava por entender como os heróis foram interpretados em diferentes tempos históricos. Quer dizer, era preciso levar em conta que estas trajetórias podiam ser positiva ou negativamente avaliadas, dependendo do momento histórico e político em que se operava tal avaliação. O perfil do revolucionário traçado pelo autor da *Histoire socialiste de la Révolution française* é o que tornaria atual e valorizado. Aqui existem dois pontos: é sob a chave do presente e de suas contingências históricas que poderia se atribuir uma positividade a Robespierre. Não há qualquer transcendência em sua figura histórica. Outro ponto é que o retrato feito por Jaurès do jacobino, que Gramsci considera válido e atual (e que, talvez, não corresponda fidedignamente à sua personalidade, o que não importa para o argumento), é aquele que o apresenta como uma figura mítica através de uma retórica inflamada, atribuindo a ele uma personalidade heroica e apaixonada, dotada de firmeza de caráter e fé tirânica em suas ideias (JAURÈS *apud* GRAMSCI, 1982, p. 705).

Mais tarde, nos *Quaderni*, Robespierre será tratado como uma síntese da linguagem política francesa e que tem uma correspondência com a filosofia alemã, ou seja, Robespierre é a expressão política da filosofia kantiana (Kant-Robespierre) (como em Q 11, § 48, p. 1468-1470; Q 11, § 49, 1471-1473). As duas linguagens (filosófica e política), embora de natureza diversa, são tradutíveis entre elas. Após uma verdadeira *arqueologia* da formulação Kant-Robespierre, Gramsci demonstra que sua origem está em Hegel, para quem os alemães e os franceses haviam apreendido o espírito universal em seu desenvolvimento mais recente e o manifestado sob as diferentes formas, isto é, política e filosófica (Q 11, § 49, 1471). Como observa La Porta (1990, p. 519-520), Gramsci entende que as duas formas têm um mesmo equivalente superestrutural, de modo que tanto a filosofia alemã (idealismo) com a política francesa (jacobina)

seriam então superadas dialeticamente por Marx e pela filosofia da práxis. Nessa síntese, era preciso reconhecer os jacobinos como realistas (o que a historiografia conservadora não fizera), mas também como capazes de construir o novo (a nova nação francesa).

Esta aproximação com o mito de Robespierre em Gramsci poderia, assim, indicar caminhos interessantes especialmente no que diz respeito à reflexão acerca do *phatos* revolucionário. Esse é um ponto fundamental, ainda que não possa ser aqui desenvolvido. O segundo aspecto não menos importante, que reitera posições anteriores mas que a partir deste texto foi assumido integralmente por Gramsci, é a ideia de que a Revolução - e seus revolucionários radicais - não foi um “monstruoso despropósito contra a história, mas um fato animado como todos os outros de uma irrepreensível lógica interior” (GRAMSCI, 1982, p. 705). E o fundamento de sua ação, o que a mobilizava e dava tal lógica, era a derrubada do Absolutismo e a conformação do Estado nacional moderno.

Ainda em 1918, Mathiez apareceu em outra referência, *I contadini e lo Stato* publicado no *Avanti!*- seção piemontesa (6 de junho de 1918). Gramsci discute neste artigo um texto publicado pelo francês no periódico *La Vérité* e que tratava dos embates dos camponeses e proprietários de terras contra o exército revolucionário durante a fase do Comitê de Salvação Pública²⁵. Tais conflitos, desencadeados pelo confisco de bens e alimentos em um contexto de mobilização total pela revolução e expansão da guerra, permitiam a Gramsci refletir sobre o que chamou de solidariedade entre os proprietários de terras e o Estado. A questão fundamental era: qual a densidade dos liames entre os proprietários de terra, e também dos camponeses, com o Estado moderno? Gramsci cita os episódios narrados por Mathiez de revoltas, rebeliões, assassinatos dos comissionários do exército, demonstrando os limites de tal solidariedade. Ela seria, na República Jacobina, antes uma solidariedade de tipo formal (eleitoral/política) do que uma solidariedade viva (econômica). O confronto então era entre o direito privado, da posse da propriedade, e do direito do Estado. O direito do Estado demandaria uma elaboração

²⁵ O artigo de Albert Mathiez é *Les résistances aux réquisitoires* e faz parte de *La vie chère...* anteriormente citada (MATHIEZ, 1973).

mais abstrata, relacionada com o próprio desenvolvimento das relações capitalistas, na qual o Estado é reconhecido como “[...] organização que tutela os seus interesses permanentes, e solidariza com o governo economicamente para reforçá-lo.” (GRAMSCI, 1972, p. 248). Essa formulação é considerada abstrata por superar uma maneira de entender o direito à propriedade e que se manifesta fundamentalmente no direito à propriedade da terra, como um dado quase natural. Ou melhor, o direito à posse da terra tem um sentido religioso, visto até mesmo como uma extensão da família (GRAMSCI, 1972, p. 249).

Gramsci argumenta que essa forma abstrata de entender o Estado por parte do proprietário rural e ao menos na França havia sido alcançada, ou seja, havia sido superado o vínculo apenas formal. Mas, para a luta socialista, era preciso entender a cultura política do camponês, perceber em que medida eles haviam estabelecido laços de solidariedade econômica de classe, o que resultaria de uma efetiva missão pedagógica executada pelo Estado (GRAMSCI, 1972, p. 250).

Tal questão, que exigiria uma pesquisa “documentada e precisa”, permitiria que se apreendesse o grau de desenvolvimento do Estado moderno e seu influxo entre os camponeses. Como se vê, o ponto mais relevante desta reflexão é pensar na potencialidade revolucionária dos camponeses. Esse encontro de Gramsci com Mathiez revela-se importante por ir ao encontro de uma preocupação crucial do socialista do *Mezzogiorno*: as relações campo e cidade, mais propriamente, a aliança entre campesinato e proletariado, que anima toda a análise e a política de Gramsci no período anterior à prisão. Nos cadernos deste período, esse ponto foi reformulado em uma perspectiva mundial que compreende que apenas em uma recomposição cidade e campo/proletariado e campesinato é possível deteriorar a base sobre a qual se funda o domínio capitalista. Nesse sentido, o jacobinismo torna-se um elemento central em Gramsci, que o dá instrumentos para uma abordagem da história da Itália que aponta a incapacidade da burguesia em formar uma vontade coletiva nacional-popular (no processo *risorgimental* e mesmo no Partido da Ação).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu apontar foi que, até 1917, as referências ao jacobinismo eram fortemente negativas, ainda pouco elaboradas conceitualmente e não faziam menção - ao menos diretamente - aos jacobinos históricos franceses. Essa oposição pode ser explicada em razão de seu contexto intelectual e político e pela influência de Sorel. Depois da Revolução de 1917, essa expressão começou a ganhar um sentido mais claramente histórico. Inicia-se um adensamento, que remete em geral aos esforços de Gramsci em refutar a analogia entre jacobinos e bolcheviques. A recusa reside na identificação dos primeiros como uma forma burguesa de se fazer política: é entendida como um fenômeno de minorias, que pretende continuar minoritária.

Tal desenvolvimento, depois de 1918, é bastante tributário da aproximação de Gramsci com a historiografia jacobina francesa, principalmente Mathiez. Esse historiador ofereceu elementos para a inflexão positiva de Gramsci diante do jacobinismo e a conformação deste em um modelo para a análise da política do século XX, mas também como um recurso de análise da história da Itália em chave negativa. Esse processo dependeu fundamentalmente da aproximação com as fontes historiográficas, mais do que pela posição diante dos debates diretamente políticos colocados pelos bolcheviques. Por isso sua posição até 1921, falando precisamente deste debate, colocou-o em contraposição à retomada da herança da fase radical da Revolução Francesa, mobilizada pelas necessidades políticas dos revolucionários russos (quer dizer, era importante ter uma referência, que ainda que não tivesse uma correspondência integral podia jogar luz sobre uma ruptura histórica daquela proporção), que tanto tratava positivamente os jacobinos como os via *reencarnados* no grupo de Lênin.

Nos escritos do ano de 1918, Gramsci demonstrou ter encontrado nos radicais do Ano II três características que seriam, no período do cárcere, cruciais para a análise da política e na formulação de sua teoria política socialista. A primeira é o *phatos* (utilizado aqui em seu sentido original - paixão, portanto em oposição ao *logos*), entendido como fermento do movimento político e da construção da hegemonia, de forma Robespierre e a questão religiosa “deveriam ser analisados seriamente” (1). Essa formulação, nos cadernos, remeterá também ao mito

de Sorel e à concepção de religião laica croceana. Tratada aqui de forma ainda aproximativa, pode-se remeter às sugestões de Frosini (2010, p. 93) sobre a aproximação entre religião (no sentido croceano de “concepção de mundo conciliada com uma ação conforme”) e a filosofia da práxis entendida como unidade entre teoria e prática política. A experiência jacobina poderia apresentar, então, um exemplo histórico-concreto em que a crença revolucionária incindiou sobre o movimento das forças sociais reais. Outro ponto (2) é a compreensão do jacobinismo como uma necessidade histórica, quer dizer, não foi uma arbitrariedade e deveria ser entendido em sua lógica interna motivada pela superação do Antigo Regime. E, finalmente (3), tal necessidade histórica para se realizar dependeu de uma unidade campo e cidade mobilizada/construída pelos radicais. Daí que a questão da vontade coletiva, nacional-popular, deve ser aproximada de investigação do modelo jacobino delineado por Antonio Gramsci. Os três pontos acima apresentados remetem à questão colocada por Gramsci e que é um condutor de toda a sua reflexão nos Quaderni: “como nasce o movimento histórico sobre a base da estrutura” (Q 11, § 22, p. 1422)?

REFERÊNCIAS

- DE FRANCESCO, Antonino. La Révolution française hors de France: quelques perspectives de recherche sur l’historiographie italienne entre XIXe et XXe siècle. *Annales historiques de la Révolution française*, Reims, n. 334, p. 105-118, 2003.
- DEL ROIO, Marcos. *Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)*. São Paulo: Xamã, 2005.
- D’ORSI, Angelo. *Le idee dell’Italia: il pensiero politico italiano dall’Unità ad oggi*. Milano: Bruno Mondadori, 2011.
- DUCANGE, Jean-Numa. *La Révolution française et la social-démocratie: transmissions et usages politiques de l’histoire en Allemagne et Autriche 1889-1934*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2012.
- FRIGUGLIETTI, James. Albert Mathiez, an historian at war. *French Historical Studies*, Columbia, v. 7, n. 4, p. 570-586, 1972.
- FRIGUGLIETTI, James. *Albert Mathiez: historien révolutionnaire, 1874-1932*. Paris: Société des études robespierristes; Paris: diff. R. Clavreuil, 1974.

FROSINI, Fabio. *La religione dell'uomo moderno: politica e verità nei Quaderni del carcere di Antonio Gramsci*. Roma: Carocci, 2010.

GERVASONI, Marco. *Antonio Gramsci e la Francia: dal mito della modernità alla "scienza della politica"*. Milano: Edizioni Unicopli, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *Sotto la mole: 1916-1920*. Torino: Einaudi, 1960.

GRAMSCI, Antonio. *Scritti giovanili, 1914-1918*. 3. ed. Torino: Einaudi, 1972.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *La città futura*. Torino: Giulio Einaudi, 1982.

GRAMSCI, Antonio; COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). *Escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 1.

KONDRATIEVA, Tamara. *Bolcheviks et Jacobins*. Paris: Payot, 1989.

LA PORTA, Lelio. Rivoluzione francese e democrazia: una ricognizione sul concetto gramsciano di giacobinismo. *Studi Storici*. n. 2 , p. 511-524, Apr.-Jun., 1990.

LOUVRIER, Julien. Marx, le marxisme et les historiens de la Révolution française au XXe siècle. *Cahiers d'histoire: revue d'histoire critique*, Paris, n. 102, p. 147-167, 2007.

MATHIEZ, Albert. *História da Revolução francesa*. São Paulo: Atena: s/d. 3v.

MATHIEZ, Albert. *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur*. Paris: Payot, 1973.

MATHIEZ, Albert. L'esprit de l'armée de l'an II. *Le Rappel*, 22 set. 1915. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 15 de março de 2014.

MATHIEZ, Albert. Si nous étions sous la Convention... *Le Rappel*, 4 fev. 1916. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MEDICI, Rita. *Giobbe e Prometeo: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alinea, 2000.

RAO, Anna Maria. La Société des Etudes Robespierriistes, les AHRF et l'espace historiographique italien. *Annales historiques de la Révolution française*, Reims, n. 353, p. 275-293, 2008.

VOVELLE, Michel. *Jacobinos e Jacobinismo*. Bauru: EDUSC, 2000.

VOVELLE, Michel. *Les Jacobins: de Robespierre à Chevènement*. Paris: Éd. la Découverte, 1999.

WOLIKOW, Serge. Problèmes méthodologiques et perspectives historiographiques de l'histoire comparée du communisme. *Cahiers d'histoire: revue d'histoire critique*, Paris, n. 112-113, p. 19-24, 2010.